

O Centurião

Conversões no Calvário—Parte 2

Textos Seleccionados

Introdução

Na época da crucificação de Jesus, os romanos já tinham crucificado aproximadamente trinta mil homens somente na Palestina.¹ A execução de condenados era uma atividade comum para os soldados romanos. Ela servia para solucionar a questão dos prisioneiros políticos culpados de insurreição, bem como criminosos perigosos. Os soldados haviam se tornado especialistas na arte dos açoites para causar no condenado o que era conhecido como “quase morte” antes da crucificação.

Todavia, os soldados romanos nunca se depararam com a morte de alguém semelhante a Jesus. Sinceramente, creio que nenhum deles tinha conhecimento da vida de Jesus. Muito provavelmente, eles o conheceram ali fora no tribunal de Pilatos. Como resultado, o conhecimento que teriam sobre Jesus seria adquirido no decorrer de apenas um dia—o dia da crucificação de Cristo.

Os atos, as palavras e a atitude de Jesus foram radicalmente diferentes de todas as demais pessoas que esses soldados tinham já visto morrendo numa cruz. Por isso, depois que Cristo morre, alguns deles, quem sabe todos, colocam sua sé nele como seu Senhor vivo.

O nome do oficial a cargo da crucificação de Jesus não é revelado. Conforme a tradição, seu nome era Longinus, mas a Bíblia revela apenas sua patente. Os três Evangelhos sinópticos—Mateus, Marcos e Lucas—contam que ele era um “centurião”. Essa é a palavra latina para o numeral *cem*.

O título nos informa um pouco sobre o indivíduo. Ele era um soldado experiente e leal ao Império Romano. Por causa de sua habilidade e lealdade, ele foi promovido à posição de comando sobre cem de seus melhores soldados. Além disso, também lhe eram confiadas responsabilidades difíceis. A crucificação de Jesus foi provavelmente uma de suas missões mais complicadas.

A turba estava prestes a causar um motim, a ponto de parecer que esse prisioneiro dificilmente chegaria vivo ao Gólgota. Para piorar as coisas ainda mais, o criminoso a cargo do soldado romano cai sob o peso da cruz. Outro indivíduo é forçado a carregar a cruz. A multidão se enfileirava pelas ruas, gritava insultos e pedia a morte do criminoso. Mais provavelmente, o centurião nunca tinha visto tanto ódio e falta de compaixão como no caso desse homem.

O Evangelho de Mateus nos conta que, depois de ver várias coisas acontecendo, o centurião e seus

soldados chegaram à convicção de que Jesus Cristo era, de fato, o Filho de Deus. Eles até arriscaram suas próprias vidas e reputação ao confessar essa verdade. Eles se tornaram, na verdade, os primeiros evangelistas do Salvador crucificado. Eles findaram anunciando não somente sua inocência e justiça, mas também sua divindade. Isso se tornou mais uma evidência de que o evangelho do Messias incluiria tanto judeus como gentios.

Agora, quais coisas os soldados viram e ouviram enquanto executavam a crucificação de mais um criminoso que os conduziram à fé no Senhor Jesus?

Eventos que Levaram à Conversão do Centurião

Permita-me revisar alguns acontecimentos que reuni a partir dos vários relatos dos Evangelhos. Esses eventos singulares afetaram profundamente o centurião e os soldados.

1. Um dos primeiros acontecimentos foi que Pilatos declarou Jesus Cristo como inocente.

Conforme o Evangelho de Lucas, Pilatos afirma à multidão: *nada achei contra ele para condená-lo à morte* (Lucas 23.22).

Ao invés de ouvir os crimes que esse indivíduo cometeu que justificam a sentença de morte, Pilatos entrega Jesus ao centurião. Mateus conta que, no processo, Pilatos lava suas mãos de forma cerimonial e diz: *Estou inocente do sangue deste justo* (Mateus 27.24).

Sem dúvidas, isso chamou a atenção do centurião. Ele havia dedicado sua vida para proteger e sustentar a lei, mas seu líder acabou de anunciar que esse suposto criminoso jamais tinha violado a lei.

2. O segundo acontecimento é uma interação incomum entre Jesus e um grupo de mulheres.

Enquanto caminham pelas ruas de Jerusalém em direção ao Calvário, o centurião e seus soldados ouvem Cristo fazendo uma declaração incomum às filhas de Jerusalém.

Lucas 23 registra que as mulheres da cidade seguiam Jesus e choravam diante de sua morte iminente. Elas não choravam porque haviam depositado sua fé nele, mas de remorso por ver esse judeu sendo executado de forma tão horrível pelos romanos.

Jesus, porém, ao invés de alimentar a bondade e simpatia delas, lhes diz algo que o centurião ouve: *Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!* (Lucas 23.28). Em outras palavras, “Não se preocupem comigo. Preocupem-se com suas próprias famílias.”

Até mesmo nessa hora, a compaixão de Jesus o faz parar e dizer a essas mulheres que elas e sua nação se encontram em perigo alarmante. Jesus, surrado a ponto de ficar desfigurado, caminha para a morte. Mesmo assim, demonstra compaixão pelas pessoas por quem morrerá.

Certamente, isso pareceu algo estranho aos soldados já calejados pelos tão comuns gritos dos condenados que suplicavam por misericórdia. Será que já tinham visto algum condenado se preocupando com outra pessoa além de si mesmo a caminho de uma morte terrivelmente dolorosa?

Essa é a questão. Esses soldados ficaram impressionados diante da evidência que se repetia, vez após vez, de que Cristo parecia não se preocupar nem um pouco consigo mesmo!

3. O terceiro acontecimento que impressionou os soldados foi Cristo recusar beber o vinho misturado com mirra.

A história relata que, por tremenda compaixão pelo condenado, as filhas de Jerusalém providenciavam uma mistura de vinho com mirra, uma espécie de remédio que visava aliviar a dor da vítima crucificada.²

Marcos conta que, quando Jesus chegou ao lugar da Caveira, ofereceram-lhe essa bebida, mas ele não a aceitou (Marcos 15.23). Mas por que ele a rejeitou? Cristo tinha uma obra a cumprir na cruz; ele tinha coisas a dizer e, portanto, não se deixaria ficar entorpecido. Ele encararia a morte sem anestésico algum a fim de que toda palavra que dissesse pudesse ser digna de confiança, e cada ato fosse carregado de significado divino.

Cristo tinha profecias a cumprir e almas a salvar. Em breve, ficaria óbvio a esses soldados que ele queria salvar *suas* almas. Esse fato começou a ficar claro para eles a partir do evento seguinte.

4. O quarto evento é Cristo oferecendo perdão aos soldados enquanto eles o pregam à cruz.

Lucas registra em Lucas 23.33–34:

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfetores, um à direita, outro à esquerda. Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

O contexto aponta para o detalhe geralmente ignorado que Cristo não oferece perdão aqui aos líderes religiosos que vieram zombar dele; eles sabiam muito bem o que faziam. Poderiam ser perdoados, caso se arrependessem. Mas Jesus ora aqui pelos soldados. O Sinédrio sabia o que estava fazendo, esses soldados não. Eles estavam apenas seguindo ordens nesse dia fatídico.

Você consegue imaginar essa cena? O corpo do Salvador se contorcia em dor a cada arremetida do martelo, a cada movimento brusco enquanto era erguido para ser pendurado no poste vertical. A dor era tremenda enquanto pregos enormes perfuravam seus pés. Mesmo em meio a tudo isso, ele orava em voz alta: “Pai, perdoa-lhes... perdoa-lhes. Eles não sabem o que estão fazendo!”

Imagino que esses soldados nunca ouviram um condenado intercedendo por perdão a favor deles enquanto o pregavam a uma cruz.

O centurião ouviu Pilatos declarando Jesus inocente; ouviu Jesus advertindo um grupo de mulheres, dizendo-lhes que ele não estava em perigo diante de Deus, mas elas estavam. Em seguida, ele viu Cristo recusando tomar o narcótico anestésico, e depois oferecendo perdão aos seus soldados por aquilo que faziam.

5. O quinto acontecimento surge quando um dos ladrões na cruz implora que Jesus lhe conceda entrada no reino de Cristo.

A narrativa em Lucas relata a conversa dramática entre Jesus e um dos ladrões pendurado ao seu lado. Pela graça de Deus, seus olhos foram abertos para a verdade acerca de Cristo. Ele diz: *Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino* (Lucas 23.42).

Sem dúvidas, o centurião já vinha pensando no significado das palavras escritas atrás da cabeça de Jesus, declarando seu crime: *Este é Jesus, o rei dos judeus* (Mateus 27.37). Agora, ele ouve um dos condenados clamando a Jesus com fé, pedindo que Jesus lhe conceda entrada em seu reino vindouro.

Diante disso, o centurião deve pensar: “É claro que esse homem aí do meio dirá ao companheiro de morte que ele foi enganado, é tudo um mito. Sem dúvidas, ele dirá algo como: ‘Tenho cara de rei?’

Está parecendo que eu tenho um reino aguardando a minha chegada?”

Ao invés disso, o centurião e seus soldados ficam provavelmente chocados ao ouvir a resposta de Jesus: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso* (Lucas 23.43). Ou seja, “Eu sou o rei dos judeus. Eu sou o Messias. Existe um reino que pertence a mim. Eu darei a você entrada nele!”

Depois dessas palavras, a natureza, sob o controle do Deus criador, contribui para essa cena no Calvário.

6. O sexto acontecimento é a total escuridão que chega de repente e cobre a terra.

Lucas relata que uma escuridão encobre a terra à hora sexta. Ela dura até à hora nona (Lucas 23.44). A sexta hora acontece de ser meio-dia! Quando o sol deveria estar em seu zênite, ele de repente desliga, como se fosse uma lâmpada. Mateus fala que *houve trevas sobre a terra* (Mateus 27.45).

A palavra grega *gē*, traduzida aqui como *terra*, pode se referir ao planeta todo ou a uma região.³ Fontes extra-bíblicas indicam que essa escuridão foi global. Uma dessas fontes é uma carta de Pilatos ao imperador romano Tibério, na qual ele se refere a uma escuridão que Tibério também testemunhou, apesar de o imperador não estar em Israel naqueles dias. Pilatos inclui até mesmo o detalhe de que a escuridão durou do meio-dia às três da tarde.⁴

Não há dúvidas de que os soldados rapidamente acenderam um fogo para continuar a sentinela. Tochas foram acesas enquanto trevas sobrenaturais esconderam os céus por três horas. Eu creio que, desde ponto em diante, tudo muda.

Os rabinos ensinaram por vários séculos que o escurecimento do sol era julgamento de Deus.⁵ A zombaria e a chacota terminaram. Todos sentem que a mão de Deus está, de alguma forma,

envolvida. Com certeza, os líderes judeus se retiram do cenário disfarçadamente. De fato, o Evangelho de Lucas nos conta que, depois que Jesus morre, a multidão que ainda se encontra no Calvário retorna para Jerusalém chorando com coração profundamente contrito (Lucas 23.48).

Eu concordo com alguns comentaristas que sugerem que essa multidão estará no meio daqueles que respondem positivamente à mensagem de Pedro no dia de Pentecostes e se tornam membros da recém-criada igreja. Eles estão prestes a se tornar testemunhas do Salvador se tornando aquele que tira o pecado do mundo.

Houve três dias de escuridão no Egito antes da primeira Páscoa. Agora, existem três horas de escuridão antes da última Páscoa.⁶

Essa escuridão é o julgamento de Deus o Pai que abandona seu Filho quando Jesus suporta a ira do Pai, representando a ira do Deus triúno contra os pecados do mundo. A escuridão desce.

Um mundo que rejeita Jesus Cristo—a luz do mundo—é um mundo que vive nas trevas.⁷

A pessoa que rejeita Jesus Cristo caminha para uma eternidade de sofrimento no inferno, contra a qual Jesus nos advertiu quando o descreveu como um lugar de trevas no qual haverá choro e ranger de dentes para sempre (Mateus 8.12). Isso está em total contraste com o céu, onde não haverá mais lágrimas de tristeza (Apocalipse 21.4).

Durante essas três horas de trevas, Jesus faz mais declarações.

7. O sétimo acontecimento surge quando o centurião ouve o clamor de agonia e abandono proferido por Jesus.

De repente, do meio da escuridão, Jesus exclama: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mateus 27.46).

O centurião notou que Jesus não se refere mais a Deus como seu *Pai*. Pela primeira vez nas Escrituras, Jesus não chama Deus de *Pai*. Neste momento, não há mais comunhão íntima:

- quando Jesus toma sobre si nossas transgressões (Isaías 53.5);
- quando Jesus, que não conheceu pecado, se tornou pecado por nós (2 Coríntios 5.21);
- quando Jesus se torna maldição em nosso lugar (Gálatas 3.13);
- quando Jesus é entregue pelas nossas transgressões (Romanos 4.25);
- quando Jesus carrega nossos pecados sobre o madeiro (1 Pedro 2.24).

Jesus suporta a ira de Deus não somente ao carregar nosso pecado, mas ao se tornar pecado a nosso favor, a fim de que os que creem nele sejam salvos da penalidade do seu pecado.⁸

O centurião ouviu Jesus exclamando: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mateus 27.46).

Podemos pensar: “Espera aí, Jesus não sabia? Na agonia do seu sofrimento, será que ele por acaso se esqueceu do plano de salvação projetado antes da fundação do mundo (Apocalipse 13.8)?”

Jesus não exclama isso porque se esqueceu; ele faz uma declaração para conectar claramente sua morte com as profecias das Escrituras.

Ao falar isso, Jesus acontece de estar citando e cumprindo o Salmo 22, um Salmo profético no qual Davi expressa sua agonia pessoal e sentimento de

separação de Deus. Ao mesmo tempo, Davi proclama profecias de forma mais específica do que imaginava acerca daquilo que aconteceria na crucificação do Messias no lugar chamado “Caveira”.

Davi escreveu no Salmo 22:

- *Todos os que me veem zombam de mim* (v. 7);
- *Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram* (v. 14);
- *a língua se me apega ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte* (v. 15);
- *uma súcia de malfetores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés* (v. 16);
- *Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes* (v. 18);
- *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (v. 1).

Jesus Cristo expressa sua agonia pela separação do seu Pai, mas ele a expressa de uma maneira que conecta os detalhes específicos da morte por crucificação com as palavras das Escrituras. Essa serve como mais uma evidência que anuncia sua divindade.

8. O oitavo evento acontece quando o centurião ouviu Cristo exclamando o término da obra na cruz.

Quando a escuridão está prestes a cessar, o Evangelho de João conta que Jesus disse: *Está consumado!* (João 19.30).

Com isso, Jesus apregoou o evangelho com apenas uma palavra grega—*tetelestai*. O tempo perfeito indica que a obra foi finalizada e sempre continuará finalizada.

Que palavra esquisita para um homem dizer enquanto morre. Todavia, ela não é estranha para o crente. Este é o grito da libertação do crente, o grito de perdão, a declaração de sua justificação eterna. Esse não é o final da história; ela está apenas começando!

Em seguida, Lucas narra uma última palavra de Jesus: *Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito* (Lucas 23.46). Aqui, o centurião ouve Jesus voltando a se referir a Deus como *Pai*.

Por que Jesus fez isso? Porque a obra foi consumada! Nas trevas e ali pendurado na cruz, Cristo pagou o sacrifício eterno pelos nossos pecados. Agora, não mais abandonado, ele rende seu espírito ao cuidado do seu Pai.

9. Um dos últimos eventos é um terremoto que o centurião sente na pele.

Quando Cristo reclina sua cabeça em morte, Mateus relata que a terra começou a tremer e chacoalhar tão violentamente que rochas partiram ao meio (Mateus 27.51).

No decorrer da história judaica, terremotos foram interpretados como sinal da presença de Deus. Esse desastre natural também era visto dessa forma pelos romanos.

Esse soldado gentio já tinha visto demais! Não é surpresa alguma, portanto, ler que o centurião afirmou ao pé da cruz: *Verdadeiramente este era o Filho de Deus* (Mateus 27.54).

Tudo passa a fazer sentido—a compaixão, a dignidade, a promessa de um reino vindouro, a conversa com Deus o Pai, a escuridão, o terremoto. “Realmente, este homem era o Filho de Deus!”

Fico profundamente triste ao ver que algumas versões da Bíblia preferem traduzir a declaração do centurião da seguinte forma: “Este era um filho de

Deus” ou “um filho de um Deus.” A suposta justificativa para isso é a ausência do artigo definido. Entretanto, no decorrer do Novo Testamento, o título “Filho de Deus” aparece com e sem o artigo definido referindo-se a Jesus Cristo. Nessas outras passagens, não há qualquer dúvida, quer à luz da gramática ou do contexto.

Por exemplo, quando o anjo apareceu a Maria para fazer o anúncio de que conceberia uma criança gerada por Deus, lemos que esse menino seria *o Filho de Deus* (Lucas 1.35). Encontramos a mesma construção grega quando os judeus dizem a Pilatos que Jesus *a si mesmo se fez Filho de Deus* (João 19.7). Jesus jamais alegou ser um filho de algum deus, mas o único Filho do único Deus verdadeiro.

Quando os discípulos viram Jesus andando até eles sobre as águas, eles lhe disseram usando a mesma construção gramatical: *Verdadeiramente és Filho de Deus!* (Mateus 14.33).

Se a evidência é forte, então por que existe a tentativa de diluir ou mesmo questionar a natureza da declaração do centurião diante de Jesus na cruz? Simplesmente, porque esse acontece de ser o evangelho.

Jesus Cristo falou para Nicodemos:

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3.16).

Um soldado romano é o primeiro gentio convertido após a morte de Cristo—uma conversão no Calvário.

Com base no relato de Lucas, o centurião não ficou calado a respeito de sua conversão. O texto diz que ele *deu glória a Deus* (Lucas 23.47). O primeiro *aleluia* veio dos lábios de um centurião redimido. Imagine só! Ele veio à fé sob a cruz de um Salvador

morto.⁹ Ele creu que aquele homem morto era, realmente, o rei que retornaria no futuro com um reino—ele era o Filho de Deus.

Nós colocamos nossa fé em Jesus porque ele ressuscitou dos mortos e, sem dúvidas, ele tinha que ressuscitar a fim de validar suas alegações. Nós colocamos nossa fé nele porque ele vive. O centurião, todavia, colocou sua fé nele apesar de Cristo estar morto. Que fé grandiosa foi essa!

Esse soldado foi o primeiro a entoar louvores a Deus pelo sacrifício e suficiência de Cristo. Os *aleluias* podem começar já ali no Calvário porque no Calvário:

- o trabalho foi finalizado;
- o perdão foi efetuado;

- o sacrifício foi oferecido;
- e Cristo declarou: *Está consumado!*

Por esse motivo, crentes até hoje podem olhar para a cruz e fazer o inimaginável—cantar a Deus e louvá-lo pela cruz!

Quem começou essa tradição de louvar a Jesus Cristo no Calvário? Soldados que tinham visto muitos homens morrendo em cruces e um centurião que pensou que já tinha visto de tudo, até que viu o Rei e creu no Salvador que era, é e sempre será o Filho do Deus vivo.

Jesus Cristo veio como um Cordeiro sofredor, mas um dia retornará como o Soberano conquistador—Rei dos reis e Senhor dos senhores—e reinará para todo o sempre.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 04/04/2010

© Copyright 2010 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ John MacArthur, *Matthew: Volume 2* (Moody Press, 1989), 266.

² R. Kent Hughes, *Luke: Volume 2* (Crossway, 1998), 389.

³ Fritz Rienecker and Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 84.

⁴ MacArthur, 268.

⁵ Ibid.

⁶ Warren W. Wiersbe, *Matthew: Be Loyal* (Victor Books, 1989), 206.

⁷ Trent C. Butler, *Luke*, Holman New Testament Commentary (Holman, 2000), 396.

⁸ MacArthur, 270.

⁹ R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (Augsburg Publishing, 1964), 1133.